

AUTUMN

t r a b a l h o d e c o n c l u s ã o d e c u r s o

bacharelado em artes visuais
departamento de artes plásticas
escola de comunicações e artes
universidade de são paulo

orientação : dora longo bahia

te o t e o t o n i o

2 0 2 4

O projeto é dividido em duas partes simultaneamente independentes e relacionadas. A primeira é a proposta curatorial *A última exposição LGBTQIA+*, composta por uma série de testamentos que devem ser estritamente seguidos para que a exposição em questão aconteça, sendo assim feito por qualquer pessoa que deseje e tenha recursos para curar e produzir a exposição. No presente, a proposta existe apenas no formato pdf ou texto impresso, publicada no contexto do trabalho de conclusão de curso. *A última exposição LGBTQIA+* tem como referência o projeto *Do it* (1993), de Hans Ulrich Obrist, Christian Boltanski e Bertrand Lavier, bem como as exposições de mesmo tema realizadas no Brasil nos últimos 7 anos.

A segunda parte se refere à correção da tradução do texto *Beyond Representational Justice*, de Luce deLire, publicado em março de 2023 pela revista *Texte zur Kunst*, na edição nº129 intitulada "Trans

perspectives". A tradução foi realizada através do software de traduções automáticas Deepl, que tem como estrutura de funcionamento a machine learning (ML), um subconjunto da Inteligência Artificial. Já a correção é autoral e baseada nos textos de Abigail Campos Leal, Jota Mombaça, Judith Butler, Paul B. Preciado, entre outros citados na bibliografia final.

O projeto é uma decorrência de pesquisas, reflexões e articulações que atravessam minha prática como curador, artista e, não menos importante, minha

vivência pessoal como transmasculino não-binário. No que diz respeito à curadoria, início minha atuação em 2018 com o estágio em curadoria no setor de Artes Visuais do Centro Cultural São Paulo (CCSP), no ano seguinte entro na área de curadoria e acompanhamento artístico da KURA/, permanecendo até junho de 2023, quando sou admitido ao MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand como Assistente Curatorial. Como decorrência desse processo, em 2022 realizei um intercâmbio em Paris, França, através da bolsa de Inovação e Empreendedorismo da Universidade de São Paulo (USP), para pesquisar curadoria e intercâmbio de exposições nacionais e internacionais no Centro Georges Pompidou. Como artista, prática que atualmente está em segundo plano, pesquiso signos da cultura de massa no que se refere às percepções identitárias de gênero e sexualidade, principalmente a partir da produção de vídeos e imagens digitais.

Tal trajetória culminou na opção por um trabalho de conclusão de curso teórico, que carrega potências práticas e reflete uma parcela da produção curatorial do atual contexto das artes visuais.

A junção da proposta curatorial com a correção da tradução foi concebida no contexto do trabalho de conclusão de curso, futuras publicações ou realizações não seguirão o mesmo formato.

i n t r o d u ç ã o

O objetivo da proposta curatorial *A Última Exposição LGBTQIA+* é tensionar as justificativas e métodos utilizados por curadorias na seleção de artistas e obras para exposições que tematizam gênero e sexualidade, bem como levantar questionamentos sobre a reverberação de tais exposições na vida cotidiana dos envolvidos e no cenário contemporâneo das artes visuais.

Ciente das várias interpretações do projeto, que podem passar pela crítica negativa à todas exposições de mesma temática, opto por me arriscar através do uso do exagero e da ironia na concepção dos testamentos, com a esperança de invalidar tal interpretação e evidenciar meu objetivo na concretização da proposta, que se refere às consequências, generalizações e limites da representatividade de minorias nesse contexto.

Se não suficiente, a correção da tradução do texto de deLire se une à proposta

a r g u m e n t o curatorial como uma espécie de argumento, reforçando meu posicionamento no projeto – o conteúdo do texto, para além da reflexão proposta pela autora, tem a função de demarcar essa posição. Já a correção da tradução, feita em vermelho sobre os erros do software, tem o objetivo de evidenciar as brechas existentes no funcionamento da machine learning, uma subcategoria da Inteligência Artificial que funciona a partir de algoritmos que aprimoram seu funcionamento conforme maior acesso à informações. Até o momento, a ML é nutrida por um banco de dados disponibilizado pelos criadores e por informações inseridas no software através do uso comum dos seus usuários, fazendo com que o caráter das informações articuladas esteja sujeito

aos tópicos levantados pelas pessoas envolvidas. Uma vez que as pautas das minorias ainda são negligenciadas em escala global, os erros cometidos pelo software também revelam parte do funcionamento da estrutura do sistema patriarcal, branco, hétero e cis.

LGBTQIA+ refere-se à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e Assexuais. Atualmente é o termo mais utilizado por instituições brasileiras, públicas e privadas, ao se referir a grupos dissidentes de sexualidade e gênero. Além de reunir coletividades estruturalmente diferentes entre si, principalmente ao condensar sexualidade e gênero, a sigla, dentro de suas limitações, termina com +, símbolo que carrega a função de representar o que ainda não foi institucionalmente e/ou socialmente legitimado, ou que não coube na sigla de forma usual. A primeira versão do título do projeto, *A Última Exposição Queer*, foi descartada pois,

para além das dificuldades na definição do termo, que nasce em inglês com o significando estranho ou esquisito e posteriormente agrega todo o núcleo LGBTQIA+¹, e sua contextualização no cenário sul-americano a partir do termo Cuir², as barreiras da sigla LGBTQIA+ refletem generalizações e impasses como os apresentados aqui, me parecendo mais adequado para a proposta.

¹ Oxford English Dictionary. Oxford University Press. 2014

² Ver Trávez, D. F., Martínez-Echazábal, L., Pierce, J. M., Vidal-Ortiz, S., & Viteri, M. A. (2021). Introdução: Queer/Cuir das Américas: tradução, decolonialidade e o incomensurável. *Revista Periódicus*, 1(15), 01-16

testamento 1:1 – proposta curatorial

1

Selecione 3 artistas LGBTQIA+ que tenham uma produção exclusivamente não-figurativa e que não abordem nenhum aspecto da vivência LGBTQIA+ na sua produção e comissione uma série de trabalhos que precisam ser usados como cartazes e bandeiras em pelo menos uma manifestação política pública das causas de pessoas LGBTQIA+, após a exposição;

2

Selecione 3 artistas LGBTQIA+ que tenham uma produção exclusivamente figurativa e que abordem aspectos da vivência LGBTQIA+ nos seus trabalhos e comissione uma escultura geométrica não figurativa, não relacionada ao universo LGBTQIA+ e que seja produzida com materiais sintéticos provenientes da indústria de produtos alta circulação;

3

Selecione 3 artistas hétero-cis que tematizam identidades de gênero e sexualidades LGBTQIA+ em suas produções e comissione um trabalho autobiográfico sobre sua identidade de gênero e sexualidade;

A ÚLTIMA EXPOSIÇÃO LGBTQIA+



* A exposição pode ser executada em qualquer espaço artístico institucional, não sendo permitida sua realização em residências ou comércios dedicados à outras atividades distintas das artes visuais;

* A pessoa curadora não poderá orientar a produção das obras, podendo executar exclusivamente a seleção de artistas, a mediação com a instituição e a adequação expográfica;

* Todas as pessoas artistas participantes serão comissionadas para produzirem trabalhos exclusivos para o contexto da exposição e não poderão apresentar trabalhos que não sejam os comissionados para esta exposição;

* O comissionamento será dividido entre custos de produção, com limite definido pela instituição que acolherá a exposição, e cachê, com o valor fixo equivalente à média salarial do Brasil no ano de execução da exposição (em 2023 esse valor é equivalente à aproximadamente 2,15 salários mínimos);

* Todos os trabalhos poderão ser comercializados seguindo a proporção Y x valor de cachê, sendo Y o número de assassinatos registrados por LGBTQfobia no Brasil no ano anterior (em 2022, 273 pessoas foram mortas nesse contexto, portanto o valor de venda de todas as obras seria de

testamento 1:2 – definições

R\$360.360,00 cada), o lucro será integralmente do artista;

* Todas as notas fiscais referentes às vendas deverão ser publicadas em sua totalidade no site ou rede social da instituição;

* As obras que não forem vendidas não poderão ser exibidas novamente;

* A remuneração da curadoria seguirá a mesma proporção do valor de venda das obras;

* A seleção de artistas deve seguir uma proporção de 2 pessoas brancas e 7 pessoas racializadas, sendo pretas, amarelas e indígenas, em qualquer proporção;

* O espaço expositivo deverá ser dividido em 3 partes iguais ou muito similares, cada parte será destinada a um dos três grupos de artistas descritos no Testamento 1:1. O uso desse espaço será definido a partir de um acordo entre a curadoria e o grupo de artistas. As partes deverão ser delimitadas por uma fita sinalizadora museológica e as definições do grupo que ocupará aquele espaço deverá ser informada por legenda ou texto de parede;

* A expografia deverá seguir o mesmo padrão descrito acima, independente do tamanho do espaço disponível;

* A exposição poderá ser executada infinitas vezes até a superação total das exposições que abordam gênero, sexualidade, raça ou classe sem recortes formais ou que possuam caráter generalista;

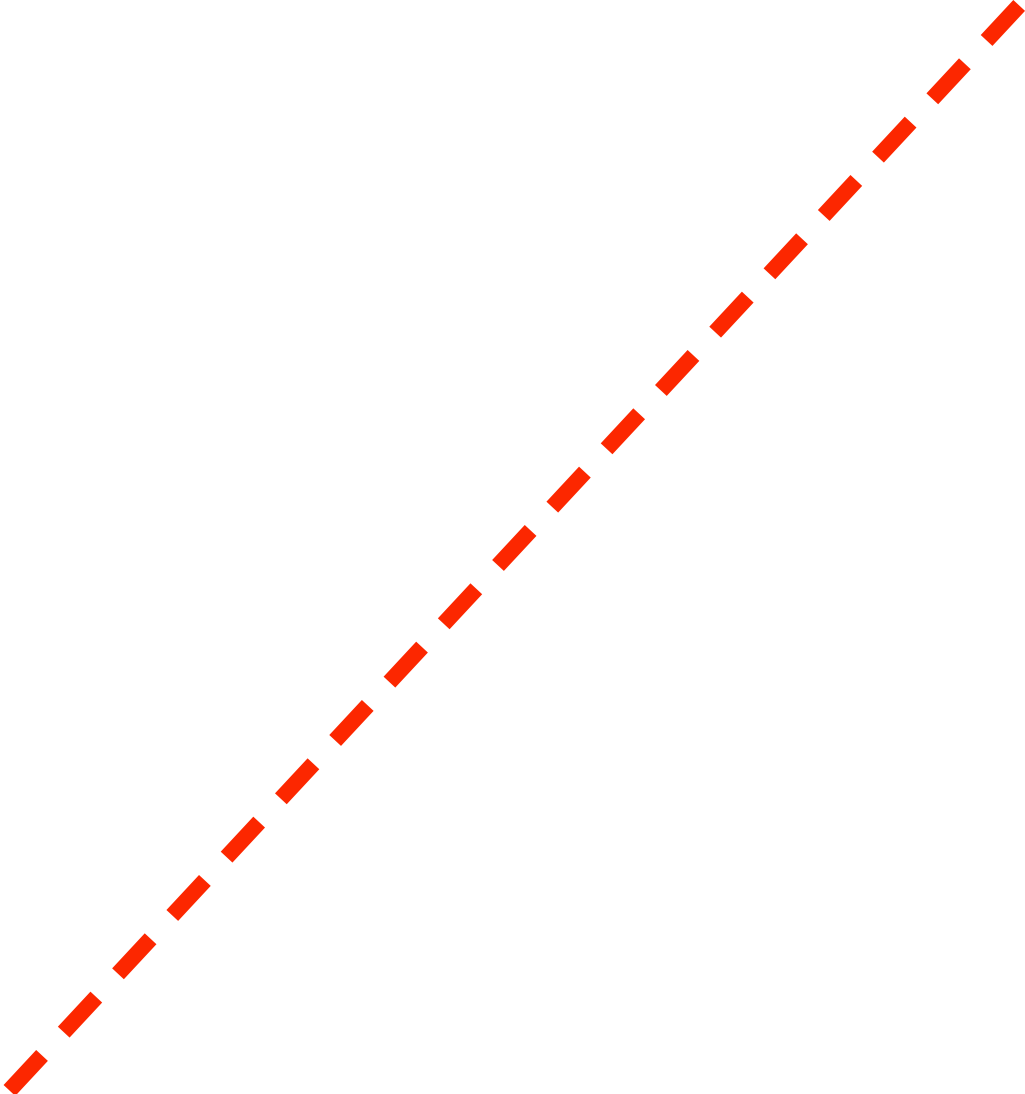


justiça representativa

Além da ~~justiça de representação~~

Luce deLire

Texto publicado na edição nº129 – Trans perspectives da revista Texte
zur Kunst, traduzido pelo Deepl e corrigido por Teo Teotonio



Justiça de representação pode ser lida como justiça por representação, nesse caso, a representação, substantivo, é o objetivo da justiça. Por outro lado, em justiça representativa, a última é um adjetivo que se refere à justiça, uma qualidade ou o modo como ela é feita, o que me parece mais adequado com os argumentos apresentados no texto uma vez que, nesse caso, a representatividade se aproxima mais da estrutura da justiça do que de seu resultado final.

Nos últimos anos, a palavra representatividade foi popularmente associada à minorias (representatividade trans, representatividade negra), apesar de não ser a única, é uma associação comum em determinados contextos brasileiros, como o da academia e da militância, reforçada pela repetição de seu uso. Por definição, representatividade é uma qualidade de representativo, que por sua vez se refere à representação. Por conta dos temas abordados nesse trabalho, minha escolha também foi influenciada pela proximidade entre representativa e representatividade, diferente de representação.

A escolha da tradução se apresenta mais como uma aposta do que uma certeza, sabendo que outras possibilidades também se encaixam aqui.

0 que é ~~justiça de representação~~?¹ Um exemplo pode ser encontrado na exposição "Under Cover: A Secret History of Cross-Dressers" na C|O Berlin. A impressionante coleção, reunida por Sébastien Lifshitz ao longo de décadas de trabalho detalhado, consiste em grande parte de cartões postais e fotos de pessoas ~~que não se conformam com o~~ ^{desertoras de gênero}

gênero. A coleção é um tesouro para a pesquisa histórica.² No entanto, a exposição, com curadoria de Lifshitz e Kathrin Schönegg, a transforma em uma escola de cronometragem.

L _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ desertoras de gênero

Transição de gênero não necessariamente está associada à cirurgias ou hormonizações, Bambi tomou consciência do seu gênero aos 16 anos, como relata em entrevista para revista Antidote, realizada em 2022. "I always dreamed of it. But I found out only at 16 that it was possible, when I saw the Carrousel's show, with Coccinelle headlining, at the Casino de la Corniche, in Algiers. When I saw her I thought: "If she can do it, I'm going to do it, too."

do, as pessoas trans se beneficiam da mídia, na medida em que ela apresenta a trans como uma alternativa viável. Além disso, a mídia também gera um discurso social que pode servir de base para mudanças legais. A visibilidade, entretanto, também tem um componente tóxico.³ Algumas pessoas trans – e por muitos anos isso também incluiu Pruvot – simplesmente preferem não ser reconhecidas como trans.⁴ Outro

justiça representativa

fator é a segurança: Depois que a visibilidade das ~~racionalizadas~~ pessoas trans ~~de cor~~ aumentou nos Estados Unidos em 2014, a violência pareceu piorar drasticamente. O número de assassinatos ~~de~~ pessoas trans cresceu 50% em 2015. [...] Mulheres trans e pessoas ~~de~~ cor [ainda] estão sofrendo o maior índice de violência. [...] O aumento contínuo dos assassinatos de mulheres trans ~~de cor~~ ressalta a profunda necessidade de estratégias políticas que não sejam a simples visibilidade ou invisibilidade [...].⁵ Mas a visibilidade subversiva não é um credo da teoria queer? O famoso argumento de Judith Butler em *Gender Trouble* afirma que o gênero é constantemente construído por meio da reiteração performativa das normas de gênero.⁶

Consequentemente, essas normas podem ser subvertidas gradualmente por meio de repetidas representações de formas alternativas e dissidentes. Um espectro maior de pessoas ~~com~~ ^{de} gêneros diferentes pode então ser acomodado nos espaços assim criados. Esses efeitos emancipatórios da visibilidade são a base teórica da ~~justiça de representação~~ ^{justiça representativa}. Entretanto, esse quadro é apenas parcialmente verdadeiro. Afinal de contas, a erosão das normas só é emancipatória

quando a opressão é realizada por meio da aplicação violenta de normas prescritivas.⁷

Mas o que acontece quando a própria transgressão se torna um mecanismo de controle? Se diferenciarmos as sociedades disciplinares das sociedades neoliberais, perceberemos dois modos de normatividade fundamentalmente diferentes⁸: As sociedades disciplinares impõem a obediência por meio da violência; o desvio é patologizado, punido, ameaçado, espancado, excluído, assassinado. Nas sociedades neoliberais, a transgressão gera mais-valia. Aqui, o desvio se torna comercializável para consumo e produção. Atualmente, a transgressão está situada no limiar entre o discípulo normativo e o controle neoliberal, ou seja, entre a patologização, a criminalização e a violência disciplinar, por um lado, e a diversificação do consumo e da produção, por outro. Qual é o próximo passo? Atualmente, esse é o tema de uma luta intensa.

Em 2015, por exemplo, o Google Business aproveitou a transição de Jacob Wanderling para anunciar a função de busca da empresa: "Quando as pessoas estiverem procurando on-line por um tipo diferente de academia, um lugar que seja seguro e inclusivo, quero que elas nos encontrem."⁹



A divergência é muito procurada como um impulso criativo. Afinal de contas, perspectivas alternativas oferecem um recurso ideal para a renovação perpétua dos mecanismos neoliberais de produção.¹⁰ Consequentemente, as pessoas trans têm feito contribuições significativas em todos os tipos de disciplinas e estão sendo cada vez mais recompensadas por isso.¹¹ No entanto, a euforia e o medo em relação às pessoas trans podem e de fato coexistem.¹²

De todos os lados, as pessoas trans estão sendo utilizadas contra o espectro da sociedade disciplinar: enquanto a hostilidade contra as pessoas trans tem servido como elemento unificador da política autoritária de direita em sua luta contra uma "ideologia de gênero" supostamente autoritária, as chamadas forças progressistas estão se formando em oposição ao que elas veem como uma série opressiva e restritiva de normas, estereótipos e preconceitos.¹³ No entanto, a tolerância progressista é mantida em limites estreitos: as pessoas trans receberão proteção e reconhecimento somente na medida em que participarem de regimes neoliberais de exploração como indivíduos viris

ao mercado, pagadores de impostos e cumpridores da lei. A visibilidade e a subversão tornaram-se, portanto, objetos de exploração ideológica em face dos mecanismos neoliberalizados de controle social. Isso conta tanto para a política de poder quanto para a política de exploração, e com agência limitada para os sujeitos trans (pelo menos brancos, burgueses e orientados para o mercado). Aqui pinkwashing, ali valores conservadores – mas sempre em oposição ao espectro de uma sociedade disciplinar.

É somente nesse contexto de resistência a forças supostamente disciplinares que a visibilidade e a subversão fazem algum sentido como meio de emancipação das normas. Mas a visibilidade e a subversão também geram problemas

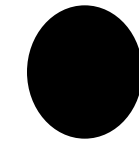
(1) INDETERMINAÇÃO

Embora a transgressão sistemática das normas possa ajudar a transformá-las, ela também pode levar à sua intensificação: quando fui recentemente ~~ameaçado~~ ^{ameaçada} de morte em uma festa de Halloween, ~~não~~ ^{vista} fui ~~visto~~ como o epítome da subversão queer. Na verdade, minha transgressão se tornou uma ocasião para representar a hetero masculinidade

patriarcal cis de uma forma totalmente não irônica. Nada pode garantir o efeito subversivo da transgeneridade. O mesmo pode ser dito sobre a exposição da coleção de Lifshitz na C|0: nada impede que os visitantes hegemonicamente identificados a leiam como um show de aberrações, reafirmem sua própria identidade de gênero uma foto de cada vez, ou se baseiem nessa tipologia de transgressões para identificar pessoas trans fora do espaço de exposição, onde elas se tornam sujeitas às projeções e inseguranças de outras pessoas. *A subversão sem re-subjetivação corre o risco de continuar sendo uma mera reinscrição.* O objetivo da subversão não pode ser a mera representação. Cada público deve ser abordado de uma maneira específica. O modo padrão de subjetivação em uma exposição de fotos como "Under Cover" ainda é o do árbitro desencarnado que decide entre o bom e o ruim, o interessante e o desinteressante, o bonito e o chato, o tocante e o deprimente, etc..¹⁴ Essa é a subjetividade patriarcal cis-branca na qual o espaço de exposição e sua história cultural estão inscritos e, de fato, modelados. Portanto, a subversão não pode significar simplesmente confrontar os sujeitos patriarcais com algumas imagens e esperar pelo melhor.

A subversão deve impossibilitar ativamente a subjetivação patriarcal branca cis e, ao mesmo tempo, criar espaços alternativos. Portanto, a subversão é mais uma questão de curadoria e menos de representação.

(2) EXAUSTÃO E NORMALIZAÇÃO



A ideia de subversão performativa pode levar alguém a conceber (implicitamente) a transgressão como uma transgressão momentânea ou como o horizonte de um processo de emancipação da sociedade em geral – o gênero cis é então tacitamente normalizado como o oposto não examinado da transgressão. No entanto, alguns de nós têm de viver nas metáforas com as quais outros decoram suas teorias e obras de arte. A ~~justiça de representação~~ ^{justiça representativa}, a política de visibilidade e a subversão como estratégia política são instrumentos da moda para a análise acadêmica. São conceitos interessantes se quisermos nos apresentar como sujeitos revolucionários em grupos de pares políticos de esquerda. No entanto, é difícil viver com eles. Quais são os efeitos quando a agressão socialmente sancionada, a distância constante nas interações cotidianas, a recusa repetida de solidariedade e o privilégio ao gênero cis



"Under Cover: A Secret History of Cross-Dressers", C|O Berlin, 2022/23, vista da exposição / Ausstellungsansicht

se arrastam por anos? Não é a exaustão e a desconfiança? A revolução está atrasada há muito tempo, e nossos aliados não precisam – ou quase não precisam – carregar esse fardo. A existência de identidades trans viáveis está sendo deixada de fora da equação. Por quê? Quem tem medo de transições irreversíveis e intervenções cirúrgicas, se não aqueles que (implicitamente) normalizam os corpos e as identidades cis como intrinsecamente dignos de proteção? Isso não é, em última análise, a reinscrição do gênero biológico no nível da realidade política?

(3) EXPLORAÇÃO

Nas sociedades neoliberais, a própria transgressão das normas se torna uma fonte de exploração. Os "axiomas" de David Getsy para estudos trans na história da arte podem servir como um caso exemplar: "Considere como axiomático que ver o corpo de alguém – mesmo em um estado de exposição e escrutínio – não nos diz quem ~~ele~~ é ou que gênero ele sabe que é."¹⁵ Mas porquê submeter-se a uma cirurgia de feminização facial se não for por uma questão de inteligibilidade social?¹⁶ Se homens brancos cis podem declarar, em nome dos estudos trans, que as mulheres

Apesar de português e espanhol serem línguas diferentes, a confusão entre as mesmas é comum entre estadunidenses e europeus ao se referirem ao idioma falado no Brasil, erro que carrega traços coloniais e racistas. Independente da origem do erro do software, é simbólica sua aparição nesse contexto.

trans não devem ser lidas como mulheres, nada está ganho. Getsy, claro, pode capitalizar o crescente interesse em pessoas trans dando a artistas cis as consagrações do politicamente correto. No entanto, nem ele nem os seus sujeitos têm de sofrer as consequências da louvada transgressão das normas de gênero.¹⁷ O resultado final é: as pessoas trans ~~estão a ser~~ exploradas. Getsy tem feito a sua carreira acadêmica às custas daqueles que vivem nas suas teorias – e, no pior dos casos, até se interpõe no seu caminho.

~~justiça representativa~~
A ~~justiça representacional~~ esquece-se de que o problema não é a representação em si, mas a violência que dela emana. A justiça representacional é apenas uma emancipação nominal, não material. Em relação à raça, Charles Mills descreve um estado de reconhecimento nominal acompanhado pela negação das consequências materiais do racismo: Enquanto antes se negava que os não-brancos eram pessoas iguais, agora finge-se que os não-brancos são pessoas iguais que podem ser plenamente incluídas na política apenas alargando o âmbito do operador moral [acesso aos direitos], sem qualquer mudança fundamental nas disposições que resultaram do anterior sistema de privilégio racial [como a distribuição da riqueza].¹⁸



Nas sociedades disciplinares, é negado às ~~peçoas~~ ~~minoritárias~~ o estatuto de sujeitos de direito. Estão sujeitas à violência, à ignorância e ao isolamento social. ~~As sociedades~~ ~~neoliberais~~, por outro lado, reconhecem as ~~peçoas~~ ~~minoritárias~~ como sujeitos de direito. ~~Os~~ ~~minoritários~~ têm agora o direito de serem explorados sem correrem risco de vida - tal como toda a gente. Dito isto, a ordem material existente é, entre outras coisas, o resultado da imposição disciplinar de normas de ~~género~~ cis. E os efeitos da injustiça histórica do passado? O que acontece às fortunas que foram acumuladas através do roubo, da expropriação e do assassinato? E o que acontece com as carreiras de pessoas trans que foram arruinadas por conta das redes sociais que em parte geram o seu poder de conexão a partir de estereótipos transfóbicos (alianças masculinas, fraternidades, socialização feminina patriarcal)? O que é que acontece com a canonização artística, com os ideais de beleza, as tradições pictóricas e os arquivos que foram estabelecidos ao longo de séculos? Aqui, a violência continua a viver - dia após dia.

No entanto, os museus estão cheios de obras de artistas cis. Vendê-las! Gerar um novo cânone! Desvalorizar esteticamente o género cis! Deixem que as pessoas trans escrevam sobre a sua arte! Entreguem as suas galerias, os seus estúdios, as suas colecções de arte a coletivos trans! Dêem dinheiro, alojamento, recursos, etc. às pessoas trans!¹⁹ Estas seriam medidas adequadas para responder à forma como, historicamente, as identidades trans, as carreiras e a representação de pessoas trans se tornaram impossíveis. Chocado? Provocado? A justiça representativa desmente a magnitude da injustiça e ofusca a natureza radical dos passos que seriam necessários para a ~~retificar~~.²⁰ Distorce o problema, transformando-o numa questão de minorias.

Mas o assassinato, a exploração e o disciplinamento de todas as minorias significam sempre o estabelecimento de uma ordem hegemônica. As pessoas não nascem cis - elas são criadas assim. E como é que são criadas assim? Através da transfobia - e especialmente através da transmisoginia. Incentivando o comportamento masculino cis e desencorajando o comportamento não masculino - ou seja, a feminilidade trans. Não existe patriarcado sem transmisoginia. Assim, ser cis significa

se beneficiar da hostilidade para com as pessoas trans. No entanto, alívio e reparação neste contexto significam mais do que apenas alguns empregos para algumas pessoas trans, uma edição especial e algumas perspectivas trans de vez em quando, ocasionalmente apresentando algumas pessoas trans na capa de uma revista, ou partilhando os seus posts nas redes sociais.²¹ A política trans deve significar a transformação fundamental de todas as condições sociais.

As pessoas trans têm sido sistematicamente assassinadas, intimidadas e mantidas na pobreza.²² A política trans não é apenas a política da igualdade legal. É também a política de melhorar as condições materiais de vida de todas as pessoas através da erradicação da exploração e da violência contra as pessoas trans. Por conseguinte, uma política trans bem sucedida deve, em última análise, conduzir ao fim do patriarcado cis-hétero branco. A política trans é, portanto, também a expropriação das grandes empresas de habitação, porque a grande maioria das pessoas trans paga aluguel renda. A política trans é também a descriminalização do trabalho sexual, porque muitas pessoas trans fazem trabalho sexual. A política trans é também a negociação coletiva e a contenção da inflação e do aumento do custo de vida,

porque as pessoas trans têm mais probabilidades de serem afectadas pela pobreza e, portanto, proporcionalmente mais probabilidades de serem afetadas por essas tendências. A política trans também tem a ver com a atribuição de oportunidades para cuidados terapêuticos e programas de apoio baseados em grupos para ajudar a lidar com a violência cotidiana. Significa também a proibição da herança de património, porque muitas pessoas trans estão afastadas das suas famílias. Na remuneração das pessoas trans, significa também ter em conta o trabalho adicional que as pessoas trans têm inevitavelmente de realizar em estruturas cis – algo que a Texte zur Kunst também não conseguiu fazer da melhor forma. Nominalmente, não me pagaram menos do que é habitual para um coeditor independente. No entanto, materialmente, foi necessário um trabalho adicional da minha parte para compensar as desigualdades existentes. Mills resume a situação: uma história de discriminação estrutural contra pessoas trans impede a cooperação a um nível material que distribua a carga de trabalho de forma igual.

A política de visibilidade, que visa a ~~justiça de~~ ~~representação~~ ~~representativa~~, ignora estas dimensões políticas concretas. Como tal, beneficia aqueles que querem dar palmadinhas

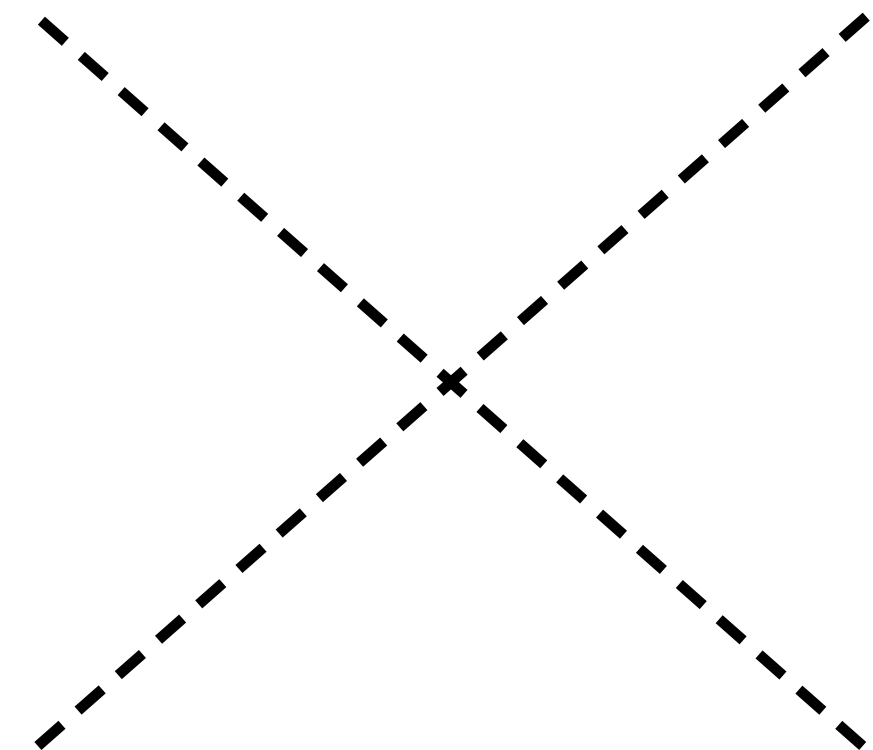
nas costas por terem feito tudo bem feito, sem realmente mudar as condições do mundo real para as pessoas trans, artistas trans, ou um cânone que é inerentemente hostil às pessoas trans. A justiça representativa beneficia sistematicamente aqueles que têm mais privilégios. Ela torna as pessoas trans seguras – para pessoas cis.

O que é que a arte pode fazer? As instituições de arte podem parar de orbitar obsessivamente em torno da representação da identidade e de considerar a arte sobre pessoas trans como a forma paradigmática de arte trans. As instituições de arte podem encomendar e comprar arte de artistas trans e fazer com que seja discutida por críticos trans. Podem retirar a arte cis para variar ou não falar tanto sobre ela; e que tal não contratar pessoas cis durante algum tempo?

²³Os textos e obras de arte nesta edição da TZK podem talvez funcionar como gestos nessa direção – e é de esperar que não fiquem por aqui. Poderão as instituições artísticas cultivar a hospitalidade para com as pessoas trans? Para o efeito, as pessoas trans terão de ~~ser consultadas.~~ Neste espírito, este número da TZK pretende também ser um convite às pessoas trans: ~~Vamos fazer mais arte! Vamos fazer mais escrita crítica, para além dos discursos de direitos, reconhecimento e representação!~~ queimar tudo.

Luce deLire é um navio com oito velas e está deitado no cais. Como filósofa, publica sobre a metafísica do infinito, mas também sobre teoria queer, antirracismo, pós-colonialismo e teoria política. Nas suas performances, encarna figuras do imaginário coletivo (por exemplo, em "Full Queerocracy Now! Pink Totalitarianism and the Industrialization of Libidinal Agriculture", e-flux journal, 2021). Em seu site, getaphilosopher.com, ela oferece "coaching e consultoria existencial ... para além do consumismo, em direção à produção teórica independente".

Crédito da imagem: 1. Cortesia da Coleção Sébastien Lifshitz; 2. Fundação C|O Berlin, fotografia David von Becker; 3. Cortesia da Coleção Sébastien Lifshitz; 4. Getty Images / Coleção Bettmann; 5. Cortesia do Museu Ovartaci, Aarhus.



- 1 Anselm Franke utilizou este termo de forma bastante casual durante a discussão final da conferência Freedom in the Bush of Ghosts, realizada a 16 de dezembro de 2017, no âmbito da programação da exposição "Parapolitics", na Haus der Kulturen der Welt, em Berlim.
- 2 Ver também Duncan Ballantyne-Way, "The Secret History of Cross Dressing with Sebastian Lifshitz", Exberliner, 12 de setembro de 2022, .
- 3 Para estudos de caso, ver Reina Gossett, Eric A. Stanley e Johanna Burton, Trap Door: Trans Cultural Production and the Politics of Visibility (Cambridge, MA: MIT Press, 2017).
- 4 Jack Halberstam, In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives (Nova Iorque: New York University Press, 2005).
- 5 micha cárdenas, Poetic Operations: Trans of Color Art in Digital Media (Durham, NC: Duke University Press, 2022), 15.
- 6 Judith Butler, Gender Trouble, 2.ª ed. (Nova Iorque: Routledge, 1999).
- 7 Butler, Gender Trouble, XX, XXIII.
- 8 Gilles Deleuze, "Postscript on the Societies of Control". outubro, 59 (1992): 3-7; Paul B. Preciado, Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in The Pharmacopornographic Era, trans. Bruce Benderson (Nova Iorque: Feminist Press, 2013). Ver também Luce deLire, "Can the Transsexual Speak?", em "Intersectionality Today", edição especial, philoSOPHIA: Journal of Transcontinental Feminism 13.
- 9 Citação de Hailee Bland Walsh, proprietária do City Gym em Kansas City, Missouri, em Google Small Business, "The Story of Jacob and City Gym", vídeo do YouTube, 16 de junho de 2015, 2:30.
- 10 Jasbir K. Puar, The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability (Durham, NC: Duke University Press, 2017), 1; e McKenzie Wark, Capital Is Dead: Is This Something Worse? (Londres: Verso, 2021); deLire, "Can the Transsexual Speak?"
- 11 Caél Keegan, "Transgender Studies, or How to Do Things with Trans*", em The Cambridge Companion to Queer Studies, ed. Siobhan B. Somerville, Cambridge Companions Literature (Cambridge: Cambridge University Press, 2020), 66-78, em 72.
- 12 Para mais informações, ver Prefácio.
- 13 Paul Greenhalgh, Ephemeral Vistas: The 'Expositions Universelles,' Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939 (Manchester: Manchester University Press, 1988), 21.
- 14 Paul Greenhalgh, Ephemeral Vistas: The 'Expositions Universelles,' Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939 (Manchester: Manchester University Press, 1988), 21.
- 15 David J. Getsy, "How to Teach Manet's Olympia after Transgender Studies", Art History 45, n.º 2 (abril de 2022): 342-69, em 347. Noutro lugar, chamo a esta abordagem "abolicionismo de género"; ver Luce deLire, "Catchy Title [1] - Gender Abolitionism, Trans Materialism, and Beyond", Year of the Women Magazine, 2022.
- 16 O auto-reconhecimento pode ser uma razão alternativa, mas, para muitos, a inteligibilidade social é também crucial. Sobre a inteligibilidade social, ver deLire "Catchy Titel".
- 17 Outro exemplo é Sascha Crasnow, "Beyond Binaries: Trans Studies and the Global Contemporary", Art Journal 80, no. 4 (2021): 82-90, em 84.
- 18 Charles W. Mills, The Racial Contract (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1997), 75.
- 19 Para uma posição contrária, comparar Jules Pelta Feldman, "On Loss - or Feelings Thereof", Texte zur Kunst n.º 128 (dezembro de 2022): 72-82.
- 20 Estou a riscar "retificar" aqui porque esta escala de violência não permite uma retificação real. Ver também Luce deLire, "How Ideal is Ideal Theory actually? Rawls, Mills, Reverse Racism and Justice as Failure", Philosophy Today 67 no. 2 (a publicar).
- 21 Para além da TZK, estas edições especiais são publicadas pela Sinister Wisdom, no prelo, e pelo Journal of Visual Culture 19, n.º 2 (agosto de 2020). Resta saber até que ponto estas intervenções serão sustentáveis.
- 22 Foram, por exemplo, os primeiros a perder a vida no decurso da colonização (uso o termo "trans" de forma catártica). Ver, por exemplo: Jessica Hinchy, Governing Gender and Sexuality In Colonial India: 'The Hijra,' c. 1850-1900, (Cambridge: Cambridge University Press, 2019); e Oyèrónké Oyěwùmí, The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997).
- 23 Ainda não foi escrita uma carta aberta às instituições de arte sobre reparações para pessoas trans. Para um exemplo relativo à psicanálise, ver McKenzie Wark, "Dear Cis Analysts. Um apelo à reparação", P&RAPRAXIS, outono de 2022.

B I B L I O G R A F I A

BAMBI. Bambi: «I'd Decided To Live In Women's Clothes». Revista Antidote, 2022.

BUTLER, Judith. Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex 1st ed. Routledge, 2011.

CAMPOS LEAL, Abigail. Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero. GLAC edições, 2021.

FIDELIS, Gaudêncio. Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira. EAV [Escola de Artes Visuais do Parque Lage], 2018.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. 1. ed. Cobogó, 2021

PRECIADO. Paul B. Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in the Pharmacopornographic Era. Tradução de Bruce Benderson. The Feminist Press at CUNY, 2013.

TRÁVEZ, D. F., MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L., PIERCE, J. M., VIDAL-ORTIZ, S., & VITERI, M. A. (2021). Introdução: Queer/Cuir das Américas: tradução, decolonialidade e o incomensurável. Revista Periódicus, 1(15), 01-16.

a g r a d e c i m e n t o s

à minha mãe, meu pai, meu irmão e minha avó
ao meu amor, Duda
à minha família de sangue e de vida
à dora longo bahia
aos transmasculinos
à todos os dissidentes e desertores
à sorte e ao acaso
e às eternas transições